

# NÃO-RECEITA PARA ESCOLHER UM BOM LIVRO

---

RUI MARQUES VELOSO

Há perguntas para as quais é difícil encontrar uma resposta. «O que é um bom livro para crianças?» é uma delas e, paradoxalmente, ouvimo-la, com inusitada frequência, formulada por pais, alunos e colegas. Mas será assim tão densa esta matéria do conhecimento, a ponto de não surgir uma resposta unívoca, pronta a ser impressa e distribuída por todos os interessados, pacificando as suas dúvidas? Façamos o ponto da situação para melhor compreendermos as limitações que se sentem quando penetramos num quadro valorativo.

A própria designação *bom livro* remete-nos para um juízo *aparentemente* subjectivo; digamos mesmo que esta subjectividade é apresentada por muitos como um argumento pronto a sustentar a discordância, o que não posso aceitar, pois isso levar-nos-ia a negar a validade da crítica especializada e a investigação que é feita neste domínio. A expressão em análise só poderá surgir quando a obra considerada responde a critérios de exigência que são independentes do sucesso comercial ou da promoção publicitária. Hoje insiste-se muito no vocábulo *qualidade*, precisamente para, de uma forma objectiva, mostrar que o sucesso passa por aquilo que de bom se faz; quando se clama por *eficácia* (e se há área onde se falha redondamente é a do Ensino), pensamos em entidades que executam um bom trabalho com frutos visíveis. O que é importante não

pode ser deixado ao acaso ou à responsabilidade de curiosos irresponsáveis. No caso do livro, ele é bom quando é de facto bom. Uma tautologia completa, dirão todos. Só quis mostrar-vos que a questão é complexa. Vamos a ela!

O livro para crianças representa, em termos comerciais, um mercado muito significativo, na linha de uma lógica mercantilista que investe no jovem consumidor como um terreno muito atractivo. Tanto o poderemos considerar um objecto de arte — e deve sê-lo —, como um mero artefacto comercial. Ora as estratégias de *marketing* pretendem colocar o gosto da criança no topo dos critérios de referência para definir o que é o bom livro, recorrendo algumas vezes a soluções eticamente condenáveis, mas com resultados garantidos; por outro lado, os pais, num comodismo sonolento, limitam-se a embarcar nos mesmos padrões que servem para atrair as crianças. Quero desde já afirmar que não considero o gosto da criança um elemento de referência de primeira importância, já que ele ainda não existe de forma sustentada, tendo em conta as reduzidas vivências e o limitado conhecimento experiencial que alimentam um espírito crítico ainda em formação. A boa receptividade a todo o tipo de histórias e de ilustrações mostra isso mesmo; tenho verificado que as crianças são atraídas facilmente por narrativas de grande vazío no domínio do imaginário ou por imagens de traço e cor excessivos, sem qualquer margem de fruição plástica, pondo de lado, numa primeira reacção, obras que implicam uma certa demora na sua descoberta.

Não podemos ignorar o papel fundamental que a crítica desempenha no conhecimento do que existe no mercado e na orientação das leituras para crianças. Durante muito tempo não dispusemos de uma revista especializada que constituísse uma fonte de informação credível para todos os que têm interesse directo ou indirecto nesta matéria; somente resenhas, ainda que de qualidade assinalável (José António Gomes e Vergílio Alberto Vieira assinaram a maior parte), surgidas de forma irregular na imprensa, que permitiam aos leitores algu-

ma noção do que se publicava para os jovens leitores. Um panorama francamente desolador face ao que se fazia um pouco por todo o mundo desenvolvido, onde mais de duas centenas de revistas especializadas orientam os interessados nesta matéria. Hoje há uma, a revista *Malasartes*, que permite aos bibliotecários, professores, animadores, pais, uma informação que tem um papel formativo assinalável na construção de um espírito crítico indispensável para se saber o que de bom se vai publicando. É, no entanto, preocupante que muitos profissionais que trabalham com o livro infanto-juvenil desconheçam esta ferramenta.

E os pais? Não são eles os principais compradores deste tipo de livros? Uma percentagem ínfima procura informação, mas o que habitualmente acontece é o recurso ao conselho do livreiro. Também aqui há que fazer a distinção entre este e o mero vendedor de livros, ou seja, entre o amante da arte e o comerciante pragmático. São poucos os profissionais neste ramo que dispõem de pessoal qualificado para proporcionar uma orientação fundamentada e não maculada pelo lucro. Quando as livrarias não constituírem investimento de risco e dispuserem de quadros competentes, certamente que os interessados entrarão nesse espaço na certeza de que terão a palavra conhecedora que os norteará na escolha desejada. Estou no reino da utopia, eu sei, pois há cidades neste país onde não existe uma única livraria; a minha idade permite-me, porém, saber que muita coisa mudou e que hoje as novas bibliotecas (que não são meros depósitos de livros) e as livrarias virtuais permitem chegar aos novos leitores de forma diferente. Quando referi os pais, fi-lo porque tenho a plena consciência do nosso trágico retrato em termos de literacia. Daí que neste domínio seja também de premente urgência uma actuação no sentido de fornecer mais e melhor informação, pois a iliteracia dominante não pode ser vista em termos fatalistas. Mudar mentalidades é terrivelmente difícil, sabemos-lo, mas é possível. O livro terá de conviver ao lado do DVD, mas para que não se

mantenha a sua subalternização teremos que utilizar estratégias de sedução que não pactuam com o improviso. Adultos e crianças poderão escolher um mau livro por absoluto desconhecimento do que há de bom; apurar o gosto é uma tarefa que tem a ver com processos culturais complexos, mas tal não pode ser visto como obstáculo intransponível.

Quando procuramos definir o que é um bom livro para crianças, temos de ter em conta que ele é o resultado do trabalho criativo de um escritor, de um ilustrador, de uma equipa de *design*, complementado pelo trabalho do editor e dos seus assessores, onde a impressão, acabamento, promoção e distribuição não podem ser descuidados. Passou o tempo do amadorismo, onde os critérios eram meramente intuitivos e um tanto displicentes, já que o destinatário era a criança. A fatia de mercado que a literatura infantil representa tem já um peso que não pode ser subestimado.

Escrever para o público infanto-juvenil já não é um território onde basta ter jeito para fazer *umas coisas bonitinhas para os miúdos*. O estatuto de escritor para crianças começa a gozar de um reconhecimento intelectual e público que antes não tinha. Veja-se que o espaço que o Centro Português da Associação Internacional de Críticos Literários dá, desde há alguns anos, à Literatura Infantil nos balanços literários anuais é idêntico aos do teatro, poesia, ficção ou ensaio. Este facto demonstra que, finalmente, se percebeu que o acto de criação literária é único, independentemente de ser para crianças ou adultos.

A temática das narrativas ou dos poemas para crianças tem de ter em conta a especificidade do destinatário, como é óbvio; este é um ser para quem a ficção responde à natural necessidade de compreender o mundo. O que as histórias contam à criança permite um estilhaçar das paredes de vidro que a limitam, levando-a a penetrar num mundo que quer conquistar, mas também lançam luz em zonas obscuras do seu íntimo, clarificando dúvidas, desfazendo medos, construindo, enfim,

uma identidade. Mas para que isto aconteça, a narrativa não pode pactuar com o estereótipo e, muito menos, cultivar o didactismo ou a imposição moralista. Assim, tudo o que diga respeito ao universo envolvente da criança, assim como ao seu mundo interior é a matéria privilegiada para a sensibilidade e a inteligência do jovem leitor.

Em termos formais, creio que basta dizer que a escrita para crianças é extremamente difícil, pois ser simples sem ser simplista constitui uma qualidade rara; mais do que a inspiração, há todo um trabalho de banca, que obriga o escritor a burilar o texto verbal, até chegar a um estágio em que nada falta, nem há algo de supérfluo. No tocante à ilustração, quando ela existe, creio ser uma questão pacífica o reconhecimento da sua importância. Vivemos tempos dominados pela imagem e ignorar este facto é pura estultícia; há, contudo, que sublinhar que tem de existir uma aprendizagem do olhar, que assenta numa descoberta do imediato e do mediato, numa captação da densidade estética da imagem, numa percepção semântica do seu conteúdo, na capaz articulação com o texto verbal à qual está associada, enfim, na recepção plena da mensagem icónica transmitida ao leitor. Ver as ilustrações de um livro, quando elas têm qualidade, é como visitar uma pinacoteca onde se pode fruir a plenitude da obra plástica; a forma de ver o mundo transforma-se e a nossa sensibilidade apura-se.

O modo como o livro é acabado, ou seja, o trabalho de perfeita coesão que vai da capa aos caracteres impressos e ao respeito pela autenticidade da cor das ilustrações, cabe à equipa gráfica onde os *designers* têm um peso significativo. Nenhum elemento, por mínimo que seja, é esquecido, sujeito a uma dinâmica de conjunto onde o produto final tem de ser perfeito. Uma lógica economicista pode, por vezes, reduzir ao mínimo esta fase final da construção do livro; verifica-se, porém, que as boas editoras não descuram este aspecto, porque o destinatário-criança merece o melhor e ele é a suprema razão do acto de editar para crianças.

Reflectir sobre o que é um bom livro para crianças obriga-nos, obviamente, a questionar a política editorial. Recuso uma visão maniqueísta que tenda a, redutoramente, separar as editoras em boas ou más. A política editorial é complexa, envolve uma margem de risco significativa e pauta-se por critérios de índole diversa. Assiste-se, aqui também, a uma globalização, onde as grandes casas tendem a esmagar as pequenas editoras, muito embora algumas destas resistam estoicamente. As grandes feiras internacionais do livro infantil, com especial relevo para a de Bolonha, são um espaço para a descoberta do que de bom se vai publicando e um desafio para parcerias e compras. O editor português, no entanto, não pode esquecer que o nosso mercado ainda é pequeno, que as tiragens ainda não proporcionam uma margem de segurança superadora do risco e, por isso, muitas vezes hesita. A título de exemplo, veja-se o que se passa com os álbuns (os *picture books*) tão abundantes no estrangeiro e tão raros entre nós. Julgo que ao recente alargamento da rede do pré-escolar, com o natural aumento do número de crianças mais sensíveis à literatura infantil, deveria corresponder uma certa expansão deste tipo de livro. É uma pena que as nossas editoras ainda não se tenham aventurado no lançamento de obras de Leo Lionni, Anthony Brown, Maurice Sendak ou Tomi Ungerer, autores de referência na literatura para os mais pequenos. Em Portugal, depois das experiências feitas por Manuela Bacelar, surge-nos *A Ilha do Sol Nascente*, de João Pedro Méseder, ou *Todos no Sofá*, de Luísa Ducla Soares, ou seja, actos isolados que não correspondem a um efectivo estímulo para ilustradores e autores se empenharem nesta vertente do livro infantil. Continuo a acreditar numa evolução em termos editoriais; mas isso passa pela procura exigente dos compradores que visitam livrarias com regularidade e não se limitam ao beco dos vendedores ao domicílio. A separação entre editoras credíveis e as outras que mais não são do que empresas comerciais que apostam na *pim-*

*balhização* editorial resultará da própria dinâmica do mercado que cavará um fosso entre elas.

Os livros nunca chegarão às mãos dos jovens leitores se não existir um trabalho articulado entre a edição e a distribuição. Se pensarmos que a larga maioria das editoras e das livrarias se encontram sediadas no litoral, compreendemos como se torna difícil o acesso ao livro por parte dos potenciais interessados. Nas minhas andanças pelo interior deste país tenho constatado como é difícil encontrar muitos dos títulos que são novidade ou outros que, não sendo recentes, mantêm todo o interesse. Os catálogos ainda são pobres e pouco apelativos, não dispondo os livreiros mais isolados da informação desejável para uma orientação competente do comprador. Não é agradável verificar que os produtos puramente comerciais estão presentes e é ignorado o que de bom se publica. Custos da interioridade que podem ser ultrapassados por uma boa rede de divulgação e distribuição, o que começa, aos poucos, a verificar-se. O recurso às livrarias virtuais através da consulta dos sítios que todas as editoras já têm na rede está a ser uma boa saída para superar as limitações atrás referidas. Deixem-me confessar-vos que ainda sonho com um futuro em que bons livros para crianças se hão-de vender até nos pequenos quiosques de jornais e revistas, como no Reino Unido ou nos países nórdicos, a baixo preço, possibilitando uma efectiva democratização do livro e da leitura infantis.

Uma outra pergunta se coloca neste nosso percurso de reflexão sobre o que é um bom livro — *Por que motivo devemos nós dar livros às crianças?* Uma pergunta e, felizmente, tantas respostas. Não pensemos que é unânime a aceitação do primado do livro junto da criança desde muito cedo; quantas vezes ouvimos certas frases-justificação de adultos para recusarem a compra de um livro pedido por uma criança (*Para que queres tu um livro se ainda não sabes ler?* ou *Já lá tens um livro!*). Conviará também registar uma situação oposta, que se verifica com os pais que enchem a criança, qual vaso de encher, de enciclo-

pédias e outros livros de informação, evitando sempre a presença de livros de ficção *porque não servem para nada*. Há já adultos cientes da importância do livro junto da criança e que investem regularmente em livros diversificados, construindo uma pequena biblioteca antes ainda de a criança saber ler; embora o número tenda a crescer, ainda são a minoria que se insere em níveis socioculturais médio-alto e alto. Damos livros às crianças — e convirá não esquecer que são os adultos que compram os livros a maior parte das vezes para oferta — como forma de entretenimento ou para aumentar o seu domínio cognitivo; raramente nos preocupamos com a necessidade de alimentar a sua imaginação, com o exercício metalinguístico que proporcionam ou com a relação afectiva que se estabelece com eles. Sempre defendi que o livro deve estar ao lado do biberão. Se o adulto ler histórias ao bebé nos primeiros meses de vida, o sistema neurológico do pequeno ser é impressionado favoravelmente, permitindo que os estímulos linguísticos, carregados de grande afectividade, promovam inúmeras sinapses e desencadeiem múltiplas reacções de adaptação ao mundo envolvente. Em congresso médico recente, o Prof. Coimbra de Matos afirmava, a propósito do facto de o primeiro contacto com o mundo externo ser emocional, que *as emoções são uma espécie de almofada entre o corpo e o mundo exterior* (1). Os banhos linguísticos que o acto de contar histórias proporciona representam um factor de grande importância no desenvolvimento da criança; as competências que esta vai adquirindo permitem-lhe avanços significativos na compreensão do mundo e nas aprendizagens emocionais e cognitivas. À luz do que hoje se sabe sobre o desenvolvimento da criança, podemos afirmar que tudo se joga antes dos seis anos. As famílias não podem descurar este facto e o tempo que precisam de dedicar à criança tem de ser preenchido com interacções múltiplas; o livro é um instrumento precioso para alimentar um tempo de descoberta e de conquista. Sendo legítima a ansiedade que os pais manifestam com uma rápida aprendizagem da

leitura, não podemos deixar de lhes recordar que o êxito passa por aquilo que se fez antes, ou seja, na fase pré-escolar. Convirá não esquecer que é este primeiro nível de ensino que poderá diluir as diferenças que se verificam entre as crianças provenientes de estratos socioeconómicos desfavorecidos face às que são oriundas dos favorecidos. As responsabilidades dos profissionais desta área escolar são imensas.

Embora uma criança possa aprender a ler antes de entrar na escola primária, é neste espaço que se produzirão transformações muito visíveis no seu desenvolvimento. Na verdade, como nos diz José Morais, num ensaio sobejamente conhecido,

*é importante falar às crianças, fazê-las falar, colocá-las em situações de procura de conhecimentos, de tratamento de informação, de resolução de problemas, de avaliação crítica de ações e julgamentos, e sobretudo de lhes ler, ler, ler (2).*

A qualidade e a rapidez da leitura vão ser factores determinantes para o sucesso escolar e profissional; a capacidade de ler e o prazer que se tem nesse exercício marcam um indivíduo e podem catapultá-lo para altos voos desde os primeiros anos de escolaridade, não falando já da auto-estima e da confiança sobejamente alimentadas. Para Aguiar e Silva,

*o livro infantil constitui um complexo e subtil laboratório linguístico [...] e, conseqüentemente, aprender a conhecer a língua materna, os seus mecanismos sintácticos, semânticos e pragmáticos, equivale a modelizar de modo mais consciente e livre o mundo, os realia, porque toda a servidão espiritual, intelectual e moral, sobretudo a que se ignora a si mesma, é indissociável de uma manipulação, de um terrorismo de linguagem (3).*

Dar livros à criança representa um investimento altamente rendível, tal o montante de dividendos que ele oferece.

Nos livros de informação, a curiosidade é satisfeita e o domínio cognitivo alarga-se sensivelmente, permitindo-lhe perceber que o livro é uma fonte de conhecimento do mundo; mas os livros de ficção — vulgarmente designados de *histórias* — e de poesia não são menos importantes, pois dão a conhecer outras realidades, talvez mais marcantes, pois actuam ao nível das emoções e dos afectos, ajudando a compreender o mundo interior, tão complexo, e as suas conexões com o mundo envolvente. Uns e outros têm um papel fundamental na construção do indivíduo, actuando na organização das suas competências, no aprofundamento da sua sensibilidade, no primado da imaginação e da criatividade. Os custos económicos não constituem factor impeditivo para uma parte significativa da população; a não-aquisição resulta muito mais do escalonamento do livro numa tabela de prioridades, já que este perde face à cassete de vídeo ou ao DVD. Mais de metade da nossa população não lê livros, o que leva a uma natural desvalorização deste artefacto cultural.

Quando as crianças não têm nas suas casas um acesso facilitado ao livro ou quando este não tem qualquer valor para o agregado familiar, terá de ser o trabalho do professor ou do animador da biblioteca a chave de entrada no mundo da leitura de prazer e de descoberta.

O investimento que tem sido feito nestes últimos tempos nas bibliotecas públicas e escolares merece uma particular referência, pois elas constituem uma estrutura nuclear na promoção da leitura e na fruição da boa literatura. Tenho visitado numerosas bibliotecas, umas sediadas em edifícios novos e convidativos para grandes mergulhos na leitura, outras ainda em espaços exíguos, mas em quase todas uma grande vontade em trabalhar bem e um imenso entusiasmo na sedução dos pequenos leitores. Quanto ao acervo, constatei situações diversificadas que vão desde a aquisição de tudo o que se publica em Portugal até a uma certa cristalização na actualização dos títulos disponíveis. Por parte dos bibliotecários que as dirigem,

há, de uma maneira geral, uma visível preocupação em adquirir o que tem qualidade, socorrendo-se, quando se torna necessário, dos pareceres da sua equipa ou da informação especializada que, felizmente, já existe. O trabalho de animação que se encontra em todas elas tem na *hora do conto* um dos momentos privilegiados no namoro da criança com o livro; trata-se de uma actividade que tem mais de cem anos nos países anglo-saxónicos. *Ouvir histórias é uma das formas essenciais de «leitura»*, (4) recorda Geneviève Patte aos ouvintes menos atentos. Os técnicos responsáveis por este sector sabem alimentar a imaginação da criança e envolvê-la com a magia da palavra transformadora do mundo. A biblioteca de Beja é um caso paradigmático e absolutamente exemplar.

As bibliotecas escolares não têm ainda a dinâmica que foi desejada aquando da sua implementação. Limitações de vária ordem coarctam o empenhamento dos professores que assumiram o primado da literatura e do livro para crianças na formação dos seus alunos como seres sensíveis, curiosos e amantes da leitura. Tenho trabalhado com numerosos professores e constato que neste domínio ainda há muito para fazer, particularmente no modo de valorizar a literatura sem criar nas crianças anticorpos na sua relação com o livro. Não basta abrir espaços e dotá-los de equipamento; tem de existir um investimento nos recursos humanos para que surja uma efectiva rendibilidade da biblioteca. Saber escolher os livros e adequar as estratégias da sua promoção junto da criança é exequível, pois ela é um ser totalmente disponível para ser encantado com narrativas que lhe digam algo. O aprender a gostar é um processo lento, sinuoso, desafiante e gratuito. *A gratuidade é a única moeda da arte*, como notou Daniel Pennac (5).

Mas, afinal, o que é um bom livro para crianças? — esta pergunta terá já sido murmurada por muitos dos presentes. Compreendam, porém, que para podermos equacionar uma resposta para esta questão nuclear, temos de perceber por que motivo uma criança adere facilmente a um livro medíocre e

poderá mostrar-se alheada de um livro de qualidade. Como afirmei anteriormente, há todo um conjunto de factores que interagem no processo de recepção e que explica aquele aparente paradoxo; será de não esquecer que a criança é um ser em formação e, como tal, ainda não dispõe das competências que caracterizam o adulto. Reduzir *in totum* a valoração dos livros ao mero gosto das crianças é demagógico e irresponsável. Editar subprodutos, estupidificantes e esteticamente vazios, é desonesto, por muito lucrativo que seja. O jovem leitor tem o direito de receber o melhor, com escritores, ilustradores, editores e livreiros a procurarem caminhos que lhe dêem prazer e o ajudem a tornar-se um adulto sensível, inteligente e solidário.

Consideremos alguns parâmetros de observação que poderão nortear esta procura do bom livro. Vamos falar do livro de ficção ou de poesia, ilustrado, deixando para outro plano o álbum e o livro informativo que não pertencem ao domínio literário.

Em primeiro lugar um relance pelo livro-objecto. A atracção que ele oferece ao olhar e ao tacto do leitor passa necessariamente pelo modo como foi construído; assim, o seu formato, espessura, lombada e qualidade do papel são suportes a ter em conta, dado que o livro será, especialmente para os mais pequenos, um brinquedo para ser manipulado vezes sem conta, pois a história que está lá dentro salta para junto de nós sempre que o queiramos. A resistência do material será um garante da manutenção da alegria proporcionada pelo seu uso. A capa é o elemento primeiro de sedução. Um bom grafismo valoriza o livro e permite uma primeira relação de afecto com o objecto que as mãos, sejam da criança sejam do adulto, seguram; essa relação pode ainda ser acentuada pela contracapa, quando ela foge à brancura tão frequente para oferecer um percurso até à folha de rosto mais coerente.

Penetremos no livro, qual gruta mágica onde todo o encantamento é algo de esperado. O texto verbal é a essência

do livro. Não pretendo abordar aqui o que particulariza a sua natureza literária, pois não é minha intenção entrar no domínio da Teoria da Literatura. Vamos primeiramente focar o texto narrativo e duas vertentes têm de ser observadas em conjunto — a construção diegética e o discurso. De que nos fala o texto? O tema e o assunto enquadram-se no universo de interesses da criança? Ajudam-na a crescer e a compreender o mundo? É fácil e positivo o processo de identificação com o protagonista? A imaginação é estimulada e permite ao leitor passear-se por territórios imaginários com múltiplas pontes com o real? Deixo estas e outras perguntas para uma segunda abordagem. Quanto ao discurso narrativo, há que ter em conta a competência linguística dos potenciais leitores; não falo de níveis etários, porque todos sabemos que os processos de desenvolvimento são diferentes e o domínio linguístico aquele onde encontramos maiores disparidades. Ora o acto de recepção de uma narrativa constitui sempre um exercício metalinguístico (para não falarmos de outras valências de extremo interesse, como a afectiva e a socializante) que tem resultados visíveis nas habilidades da leitura e da capacidade interpretativa de enunciados diversificados. A simplicidade ou complexidade do plano morfossintáctico por onde se espraia a história, assim como do plano lexical são elementos a merecer a nossa atenção ao apreciarmos um livro. Não fique porém a ideia do simplismo; o difícil é ser simples sem cair naquele erro, infelizmente muito frequente, a ponto de nos interrogarmos se alguns autores consideram as crianças uns mente-captos para as quais têm de oferecer textos absolutamente primários. Os grandes escritores depuram a sua escrita até ao ponto de se atingir um nível de grande pureza ou, dito de outra maneira, até estar nas perfeitas condições para ser fruído pela criança. Tem de existir um pleno equilíbrio entre o que de novo é apresentado e o que está já adquirido pela criança; há muito que defendo que é conveniente dar à criança textos que ultrapassem ligeiramente as suas capacidades de forma a exi-

gir delas um certo esforço. O sentido de uma palavra ou expressão desconhecidas pode ser apreendido pelo contexto (no fundo o que qualquer um de nós faz quando lê), permitindo ao autor trabalhar as palavras da forma que considera mais adequada para que o texto preserve a sua dimensão estética. Também no plano retórico há recursos de estilo que são decodificados sem dificuldade pela criança, não precisando ela de saber que tem ali uma metáfora, uma hipérbole ou uma antítese.

O que dissemos para o texto narrativo pode ser aplicado, *mutatis mutandis*, no texto lírico que tem na poesia o suporte privilegiado. Considero absolutamente inaceitável que haja crianças que chegam ao 2.º ciclo sem terem contactado alguma vez com a poesia. A especificidade do texto lírico requer que o adulto mediador queira e saiba alimentar o gosto pela poesia. Não esqueçamos que a primeira forma literária que a criança recebe são as canções de embalar e, por isso, deveria haver um *continuum* que mantivesse aquele tão especial alimento da alma que é a poesia. A apetência por ritmos vivos e significantes, assim como por temáticas ligadas ao mundo que observa e que procura compreender, é tida em conta no acto criador da boa poesia que se escreve para crianças.

Seja o texto narrativo, seja o lírico, para terem qualidade, não podem pactuar com a infantilização temática ou formal. A boa literatura respeita a especificidade da criança e, como tal, não cai em didactismos ou moralizações bacocas e despropositadas. O texto literário de um bom livro para crianças deve permitir uma efectiva fruição estética e uma vivência do universo de fantasia ali presente.

O livro informativo tem um espaço muito importante no movimento editorial para crianças, dada a procura por parte de adultos que investem em pequenas enciclopédias ou produtos similares no sentido de alargar as competências cognitivas da criança, mais numa perspectiva cumulativa, do que propriamente numa de assimilação de capacidades de compreen-

são do saber. Paradoxalmente, somos um país que apresenta um muito baixo nível de literacia científica, factor deveras preocupante para quem o Futuro é já hoje. As editoras, conhecendo a apetência do público comprador por esta fatia do mercado livreiro infanto-juvenil, apresentam, de forma generalizada, títulos de índole diversa que pretendem ir ao encontro dos objectivos atrás referidos; as traduções ocupam um espaço importante, visto que no cômputo final permitem preços mais competitivos. O problema coloca-se em termos da qualidade da tradução: a redução dos custos leva a que surjam, por vezes, verdadeiras traições relativamente aos originais. Por outro lado, sabendo nós como a informação se desactualiza num prazo muito curto, é descoroçoante constatar certas edições de obras já desactualizadas. Compreende-se, portanto, que, no domínio do livro informativo, temos de estar atentos não só à qualidade formal mas muito particularmente ao rigor informativo devidamente adequado aos saberes e competências do jovem receptor. Exige-se, por isso, um discurso científico acessível, sem pactuar com falhas de objectividade, mas estimulante da curiosidade e do espírito de descoberta.

E as ilustrações? A criança é hoje, mais do que nunca, um ser imagético, vivendo envolvida por um número imenso de imagens que contribuem decisivamente para uma cultura já diferente da dos seus pais e sendo sujeita a um processo de massificação esmagador. Dos álbuns, onde a imagem reina em plenitude, até ao pequeno romance de aventuras, povoado por um pequeno número de ilustrações, os livros que se destinam às crianças contêm imagens de natureza muito diversificada. Ensina-se a criança a ler mas não se educa o olhar; ora, sabemos que na formação do gosto e no apurar dos sentidos, não falando já de um certo aprofundamento estético, o livro ilustrado pode realizar um trabalho fundamental. Para isso tem que ser uma alternativa ao estereótipo, onde a imagem simplista, superficial, explícita leva a criança ao imediatismo do olhar massificado. Livros ilustrados por grandes artistas são

como que uma *pinacoteca vital* onde a criança entra e assimila as texturas plásticas que irão alimentar a sua imaginação e a sua criatividade. Cabe aos adultos proporcionar às crianças o acesso aos bons ilustradores, evitando a poluição cromática que pulula em inúmeros títulos que anualmente se editam em Portugal. Quando se aborda a questão das ilustrações presentes num livro para crianças, temos de atender ao facto de elas constituírem uma linguagem icónica que se articula com a linguagem verbal. O artista plástico, ao criar o seu texto, pretende alargar a dimensão imaginante do texto verbal, compondo um percurso que evita a redundância e oferece à sensibilidade do leitor um olhar outro: o percurso diegético sai, pois, enriquecido pela correspondência significativa entre os dois discursos. Sabemos que a criança adere mais facilmente a imagens de qualidade nula, mas com excessos cromáticos e traço redutor, do que a imagens de grande riqueza estética e semântica; daí o carácter falacioso do seguidismo quanto à preferência da criança. Se olharmos para a obra dos grandes ilustradores — e temos neste Encontro o privilégio de contemplar a obra de João Caetano, Prémio Nacional de Ilustração, de 2002 — percebemos facilmente que são criadores cuja obra tem impacto na sensibilidade da criança, constituindo também um poderoso estímulo para uma expressão plástica não estereotipada da criança.

Já atrás a florado, convém voltar a insistir no trabalho da composição do livro por parte da equipa gráfica que terá de respeitar a verdade do texto verbal e das ilustrações. De facto, a distribuição das imagens e do texto verbal pelas páginas do livro exige grande rigor de forma a preservar a verdade cromática e textural, assim como a sua articulação com o discurso verbal. Não é igualmente despicienda a atenção dada ao tamanho dos caracteres, à dimensão da mancha gráfica e à paginação, já que podem constituir um factor de valorização ou um obstáculo à boa recepção do leitor. As boas editoras não descumam esta fase da construção do livro e, por

isso, é com prazer que vemos nos escaparates das livrarias que a qualidade dos livros tem melhorado no plano gráfico e do *design*.

Poderei estar a ser acusado de focar aspectos formais e ignorar os de conteúdo; não esqueçamos, porém, que o livro para crianças, precisamente porque é para crianças, tem de ser uma obra de arte, o que é diferente de dizer que o livro enquanto texto literário é uma obra de arte. No tocante ao conteúdo, creio que não pode haver qualquer tipo de limitação à escolha das temáticas, excepto as que vão contra os valores universais ou promovem a negação da dimensão humana do ser. A criança procura no livro momentos lúdicos associados à descoberta do seu mundo interior e do mundo envolvente; ela quer crescer, mas pede-nos segurança e afecto. Todos os álbuns, contos, romances, poemas que dêem resposta correcta às suas dúvidas e angústias, oferecendo uma sustentada abertura ao mundo, são livros queridos. O humor é percebido pela criança como uma arma para enfrentar as dificuldades; qual válvula de segurança, o riso (não o riso alarve e burgesso promovido por grande parte da programação televisiva dita de entretenimento), porque é um acto de inteligência, permite acreditar que é possível superar o que se afigura esmagador, oferecendo-lhe uma energia pacificadora. Vivemos tempos de consumismo desenfreado, onde a palavra *frustração* foi riscada dos dicionários; parece-me que toda a literatura que apresente conteúdos que mostrem à criança que o herói para vencer tem de acreditar em si e na força do Bem e da Verdade, que a solidariedade e a coragem são valores a preservar, que o respeito pelos outros é um passaporte de cidadania, que o ecossistema é a nossa casa, essa literatura pode fazer um bom livro para crianças (que os adultos poderão e deverão ler também).

Como estou a falar para colegas de vários níveis de ensino, do pré-escolar ao superior, e igualmente para estudantes que escolheram a mais bela das profissões — professor (perdoem-me o autismo, mas eu amo mesmo ser professor) — não

queria concluir esta comunicação sem abordar, de forma muito sumária, o eterno binómio arte / pedagogia. Tenho a firme convicção de que o professor pode matar o bom livro para crianças ou até anular o prazer de ler pelo utilitarismo que imprime à relação livro-criança. É chocante assistir a determinadas práticas lectivas, no pré-escolar e no 1.º ciclo, onde o livro é somente utilizado como ferramenta para a transmissão de conteúdos; não estamos perante qualquer atitude pedagógica, eventualmente fundamentada, mas face ao puro didactismo oco e incapaz do discernimento desejado que deve presidir ao processo de aprendizagem. Há livros concebidos para instruir, isto é, transmitir informação e que se esgotam no acto da apreensão dos conteúdos cognitivos e livros de ficção e de poesia que são concebidos para a formação e construção de um saber não escolar, virado para a imaginação e para a compreensão do mundo; estes comportam uma dimensão estética que toca a sensibilidade do leitor, enriquecendo-o na sua humanidade. Misturar as duas coisas pode ser fatal para quem pretende ter alunos de sucesso. Alerta-nos Alice Vieira que, entre outras causas, «o que mata o gosto pela leitura é o facto de um livro ser apresentado como obrigação, reduzido no final em fichas e mais fichas de duvidosa utilidade» (6). Um bom livro exige, como qualquer forma de arte, um respeito não sacralizado que permita mostrar à criança que sempre que o abrimos o seu conteúdo floresce, oferecendo novas e diferentes leituras, porque o receptor já não é o mesmo pois o tempo não pára. Podemos, por isso, dizer que, tal como para os adultos, um livro tem uma vocação pedagógica, pois ensina-nos sempre algo e dele saímos mais ricos. Quando a criança aprende a *curtir* bons livros e boa literatura no pré-escolar por acção de professores competentes e, ao entrar no 1.º ciclo, continua a ter a sorte de ser orientada por professores atentos e actualizados que lhe proporcionam bons livros e boa literatura (a repetição é intencional), então ela virá a ser um aluno de sucesso e nunca esquecerá quem lhe abriu as janelas do mun-

do. Quando os pais têm consciência de que é imperioso disponibilizar tempo para estar com os filhos, falar e brincar com eles, então as crianças vão crescer em harmonia consigo e com os outros. Cabe aqui recordar um testemunho de António Torrado, numa obra que considero obrigatória para pais e professores, *Da Escola sem Sentido à Escola dos Sentidos* — «Sentava os meus filhos sobre os joelhos e com eles partia em viagem pelas folhas de livros e magazines. Eu era o cicerone e os livros, os álbuns da vida, a seguir, dentro de momentos.»<sup>(7)</sup>

Um livro para crianças será bom se, em cada acto de recepção estimular a imaginação e permitir uma efectiva fruição estética. Para que isso aconteça tem de existir uma adequação ao nível das competências da criança, pois a assimilação da qualidade passa por múltiplas situações experienciais que lhe permitem apurar o gosto e ganhar uma progressiva capacidade de selecção. Daqui se depreende que recuso *in totum* os livros que pela linguagem, ilustração e conteúdo são infantilizantes, esteticamente pobres e redutores da imaginação; um rotundo *não* aos livros que nos planos da narrativa verbal e da ilustração cultivam o estereótipo; o meu veto para as más traduções, para as adaptações aviltantes, para moralismos castradores ou didactismos intempestivos. As potencialidades da criança ainda estão amalgamadas, o que obriga o adulto, seja o professor, os pais ou outros familiares, a seleccionarem o que há de bom na edição infanto-juvenil. Ler a crítica especializada, ler artigos e obras sobre esta matéria são caminhos possíveis para escoriar escolhas que os adultos queiram fazer. Felizmente que temos nas estantes das bibliotecas infantis, nos escaparates dos livreiros e nos catálogos das editoras bons livros para crianças. Basta descobri-los... e fazer as crianças felizes.

## Notas

(1) «Emoções são almofada» in *Público*, 19-06-2000.

(2) José Morais, *A Arte de Ler*, Lisboa, Cosmos, 1997.

(<sup>3</sup>) Vítor de Aguiar e Silva, «Nótula sobre o conceito de Literatura Infantil» in Domingos Guimarães de Sá, *A Literatura Infantil em Portugal*, Braga, Editorial Franciscana, 1981, pp. 14-15.

(<sup>4</sup>) Geneviève Patte, *Laissez-les lire*, Paris, Editions Ouvrières, 1987, p. 179.

(<sup>5</sup>) Daniel Pennac, *Como Um Romance*, p. 32.

(<sup>6</sup>) Alice Vieira, «As crianças e a Leitura» in *Palavras*, n.º 11, Julho, 1998.

(<sup>7</sup>) António Torrado, *Da Escola sem Sentido à Escola dos Sentidos*, Lisboa, Editorial Caminho, 2002, p. 35.